TL2138

TIMOR LESTE

UM POVO ESMAGADO PELA MENTIRA

E PELO SILÊNCIO

A. Barbedo de Magalhães
Professor Catedrático
Coordenador das Jornadas de Timor da
Universidade do Porto

7 de Dezembro de 1995

1 - À ESCALA DE TIMOR, É UM AUTÊNTICO HOLOCAUSTO

2 - UMA ANEXAÇÃO FEITA EM NOME DA ESTABILIDADE REGIONAL E DA DEFESA DO MUNDO LIVRE, NUM MOMENTO DE PÂNICO PERANTE O AVANÇO COMUNISTA

3 - O PETROLEO E OUTROS INTERESSES ECONÓMICOS E ATÉ FACTORES RELIGIOSOS TAMBÉM INFLUIRAM NO PROCESSO

4 - DE FACTO TIMOR LESTE FOI OCUPADO PELOS ESTADOS UNIDOS, PELA AUSTRÁLIA, PELO REINO UNIDO, PELO VATICANO, PELO JAPÃO E OUTRAS POTÊNCIAS, POR INTERPOSTA INDONÉSIA. ESTA POUCO MAIS FOI DO QUE A EXECUTANTE DE UMA POLITICA QUE INTERESSAVA AO OCIDENTE ...

5 - PORTUGAL DEU INICIO A UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO QUE PREVIA A CONSULTA DO POVO TIMORENSE, MAS A INDONESIA CONSEGUIU INTERROMPÊ-LO

6 - PERANTE OS INTERESSES E AS FORÇAS EM JOGO, OS ACTORES NO TERRENO - QUER TIMORENSES QUER PORTUGUESES - POUCO MAIS FORAM DO QUE SIMPLES FIGURANTES

7 - FOI COM BASE NA MENTIRA QUE A INDONÉSIA CRIOU A INSTABILIDADE E PREPAROU A INVASÃO

8 - PARA QUE A MENTIRA NÃO FOSSE DESMACARADA, O REGIME INDONESIO NÃO HESITOU EM ASSASSINAR TODOS OS JORNALISTAS QUE SE ENCONTRAVAM NO TERRITORIO ... E OS GOVERNOS DAS POTENCIAS OCIDENTAIS CALARAM ESSES CRIMES ...

9 - PARA QUE O SILÊNCIO FOSSE MAIS COMPLETO TAMBÉM AS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE AUXILIO E A PRÓPRIA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL FORAM PROIBIDAS DE ENTRAR NO TERRITÓRIO

10 - COM A AJUDA DO GOVERNO AUSTRALIANO, QUE CAPTUROU O ÚNICO RADIO EMISSOR-RECEPTOR QUE, DO NORTHERN TERRITORY, COMUNICAVA COM A RESISTÊNCIA TIMORENSE, O BLOQUEIO INFORMATIVO FOI QUASE COMPLETO, DURANTE TREZE LONGOS ANOS

11 - SEM INFORMAÇÕES NOS MEDIA, OS GOVERNANTES DAS POTÊNCIAS OCUPANTES E OS SEUS REPRESENTANTES PUDERAM MENTIR À VONTADE

12 - NOTICIAR O QUE SE PASSA EM TIMOR LESTE E EXIGIR RESPONSABILIDADES AOS GOVERNOS PELO ASSASSINATO DE JORNALISTAS, PELA VENDA DE ARMAS E PELA COBERTURA POLITICA QUE DÃO À POTÊNCIA OCUPANTE SÃO FORMAS DE DEFENDER NÃO SÓ OS TIMORENSES MAS TAMBÉM A PRÓPRIA LIBERDADE E O DIREITO INTERNACIONAL

1 - À ESCALA DE TIMOR, É UM AUTÊNTICO HOLOCAUSTO

Vinte anos depois da invasão, e em consequência da ocupação indonésia, o povo mártir de Timor Leste sofreu o maior genocídio de que há registo, no século XX.

Muitos autores falam de duzentos a duzentos e cinquenta mil mortos, tendo em conta a redução da população que se verificou nos primeiros quatro anos de ocupação. Mas esquecem que os dados estatísticos da demografia timorense registavam um acréscimo anual de 2,2%, nos inícios da década de setenta.

Gabriel Defert foi, quanto a nós, o especialista que melhor estudou os numerosos dados estatísticos colhidos de fontes oficiais portuguesas e indonésias, por um lado, e da Igreja Católica, por outro. E concluiu, no seu livro *"Timor Est le Genocide Oublié"* que, mesmo admitindo que a taxa de crescimento natural se reduzisse para metade nos seis primeiros anos de ocupação, entre Dezembro de 1975 e Dezembro de 1981 terão perdido a vida 308.000 timorenses, em consequência da ocupação indonésia. Isso representa 44% da população existente no território no inicio da invasão, que totalizava 696 000 habitantes.

Curiosamente o Professor Indonésio George Aditjondro, da Universidade de Salatiga, na Ilha de Java, tomando como base dados do Exército Indonésio conclui, tal como Gabriel Defert, que trezentos mil timorenses terão *"desaparecido"* nos primeiros anos que se seguiram à invasão.

Entre 1983 e 1995 morreram mais algumas dezenas de milhar de timorenses, pelo que o número total ultrapassará largamente os 308.000. À falta de outros elementos usamos esse número no quadro anexo.

Nem mesmo o holocausto nazi, que se abateu sobre os Judeus de 1939 a 1945, conseguiu eliminar uma percentagem tão grande do Povo Semita espalhado por numerosos países do planeta. Os cerca de cinco milhões de judeus assassinados pelo nazismo correspondem, segundo o Professor Cecil Roth, da Universidade de Bar-Ilan, em Israel, a um terço (33%) do total do povo judeu, bastante aquém do holocausto maubere ...

É impressionante como um genocídio desta dimensão pode passar desapercebido da opinião pública mundial. Mas foi exactamente o desconhecimento dessa realidade, o seu silenciamento, o factor que mais contribuiu para que o drama de Timor atingisse tamanhas proporções. O quadro anexo permite compará-lo com outras guerras, quer em termos absolutos quer relativos, e dá-nos a dimensão real de um drama que, à escala da população de Timor, ultrapassa, de longe, a percentagem de mortos da Guerra do Vietnam, do Biafra, de Angola, da Bósnia, da Polónia (a nação mais martirizada na II Guerra Mundial) ou até do Cambodja sob o regime dos Kmer Vermelhos de Pol Pot.

PERDAS HUMANAS EM CONSEQUÊNCIA DE GUERRAS
(Estimativas)

Países ou Povos	Anos	Número de pessoas mortas	População total no início do conflito	Percentagem das pessoas mortas directa ou indirectamente
Timor Leste (Ocupação Indonésia)	1975-1995	> 308.000	696.000	> 44%
Povo Judeu (Nazismo, II Guerra Mundial)	1939-1945	5.250.000	15.750.000	33%
Cambodja (EUA,1970-75+Kmers Rouge 75-79)	1970-1979	2.000.000	7.000.000	28,5% (1) (1)=(2)+(3)
Coreia do Norte (EUA+Coreia do Sul+ONU)	1950-1953	1.500.000	8.000.000	19%
Polónia (II Guerra Mundial) (Ocupação Alemã, Nazismo)	1939-1945	6.000.000	34.000.000	18%
Cambodja (Kmers Rouge, 1975-79)	1975-1979	1.200.000	7.000.000	17,1% (2)
Angola (Guerra Cívil)	1975-1995	1.000.000	6.500.000	15,4%
Biafra (Secessão) (Nigéria)	1967-1970	1.500.000	10.000.000	15%
União Soviética, URSS (Alemanha, Nazismo)	1939-1945	26.600.000	190.000.000	14%
Timor Leste (II G M) (Ocupação Japonesa)	1942-1945	65.000	480.000	13,5%
Cambodja (EUA, 1970-75)	1970-1975	800.000	14.000.000	11,4% (3)
Jugoslávia (IIG M) (Alemanha, Nazismo)	1939-1945	1.500.000	75.000.000	10,6%
Alemanha (IIG M) (Nazismo + GB + Aliados)	1939-1945	6.000.000	6.500.000	8%
Moçambique (Guerra Civil)	1975-1994	700.000	9.500.000	7,4%
Grécia (II G M) (Alemanha, Nazismo, Eixo)	1939-1945	460.000	6.570.000	7%
Ruanda (Guerra Civil entre Hutu e Tutsi)	1994	500.000	8.000.000	6,3%
Afganistão (Ocupado pela URSS)	1979-1984	1.000.000	16.000.000	6,3%
Vietnam (EUA)	1960-1975	2.000.000	40.000.000	5%
Coreia do Sul (Coreia do Norte + China)	1950-1953	1.000.000	20.000.000	5%
Bósnia (Ex-Jugoslávia) (Sérvios, Croatas)	1992-1995	200.000	4.200.000	4,8%
Japão (II G M) (EUA + Aliados)	1941-1945	2.630.000	58.500.000	4,5%
Holanda (II G M) (Alemanha, Nazismo)	1939-1945	240.000	8.000.000	3%
Irão (Iraque)	1980-1988	1.200.000	45.000.000	2,7%
Roménia (Alemanha, Nazismo, Eixo)	1939-1945	460.000	18.500.000	2,5%
China (Guerra Civil)	1945-1949	12.000.000	550.000.000	2,2%

2 - UMA ANEXAÇÃO FEITA EM NOME DA ESTABILIDADE REGIONAL E DA DEFESA DO MUNDO LIVRE, NUM MOMENTO DE PÂNICO PERANTE O AVANÇO COMUNISTA

A situação política internacional, em 1975, era completamente diferente da de hoje, quase oposta, mesmo. Vivia-se, então em plena *"Guerra Fria"*, entre as duas superpotências, Estados Unidos da América e União Soviética,(hoje já inexestente).

Além disso, nesse ano o comunismo teve um avanço enorme, quer em África (Etiópia, Angola, Moçambique, etc) quer, sobretudo, na Indochina. A queda do regime pró-americano de Lon Nol, no Cambodja, em 17 de Abril de 1975, com a correspondente chegada ao poder dos Kmer Vermelhos, nesse país, a tomada do poder pelos comunistas do Pathet Lao, com a expulsão dos *"conselheiros"* americanos, no Laos, no mesmo mês, e, sobretudo, a queda de Saigão nas mãos dos comunistas vietnamitas em 30 de Abril de 1975, deixaram o Ocidente em pânico.

As imagens da fuga apressada da Embaixada Americana em Saigão são o símbolo da derrota ocidental peranta um avanço comunista que, na altura, parecia imparável.

Neste contexto geopolítico, que os estrategas mundiais analisavam no quadro de *"teoria do dominó"* segundo a qual a queda de uma peça arrastaria a da seguinte, e assim sucessivamente, a Indonésia aparecia como um dos principais senão o principal baluarte susceptivel de travar este avanço, em catadupa, do comunismo internacional, e de defender, assim, o *"Mundo Livre"*.

Acresce que os submarinos nucleares americanos, para não serem detectados pelos serviços de espionagem soviéticos precisavam de utilizar as águas profundas dos estreitos a norte de Timor, onde a Indonésia os autorizava a passar sem virem à superfície.

É neste quadro que se deve ver o apoio que o Governo Americano, e outros governos ocidentais, deram à invasão e anexação de Timor Leste pelas forças indonésias. Mesmo que em Timor Leste quase não houvesse comunistas, podia vir a haver. E uma segunda Cuba - agora no Sudeste Asiático - podia afectar a estabilidade regional e tornar-se perigosa para os interesses geoestratégicos do Ocidente.

3 - O PETROLEO E OUTROS INTERESSES ECONÓMICOS E ATÉ FACTORES RELIGIOSOS TAMBÉM INFLUIRAM NO PROCESSO

Para a Austrália, com o seus escassos quinze milhões de habitantes, além do desejo de manter boas relações com o seu super-populoso vizinho, a Indonésia, que contava com uma população quase dez vezes superior, interessava-lhe o petróleo que já se sabia existir no Mar de Timor. A delimitação das águas

territoriais estava a ser discutida com o Governo de Portugal, mas a Austrália não estava a conseguir o que pretendia. Por isso, o Embaixador Australiano em Jakarta teve o cuidado de lembrar ao seu Governo, por telegrama datado de 17/8/75:

(...) "Gostava de saber se o Governo (Australiano) já se apercebeu do interesse do Ministério de Minerais e Energia na situação de Timor. Parece-me que esse departamento poderia ter interesse em colmatar a lacuna ("gap") no acordo sobre a fronteira marítima, e isso seria mais fácilmente negociável com a Indonésia, encerrando o presente, do que com Portugal ou com o Timor Português independente".

Os cristãos indonésios do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de Jakarta foram os principais mentores de anexação junto do General Suharto. Representando os católicos apenas cerca de 3% da população desse país onde 87% se dizem muçulmanos (6% são protestantes e 4% têm outras religiões), a anexação de uma ilha com um elevado número de católicos poderia signifcar um reforço da minoria cristã. Além disso, ao contribuir para a expansão da Indonésia, a minoria cristã daria provas do seu nacionalismo, justificando a relativa preponderância social que detinha no regime de Suharto.

Esta posição de proeminentes católicos indonésios - entre os quais se contava o General Benny Murdani - foi partilhada por grande número de bispos e pela Nunciatura do Vaticano na Indonésia, para quem a continuidade e o reforço da pequena minoria católica na maior nação predominantemente muçulmana do mundo, era de crucial importância.

4 - DE FACTO TIMOR LESTE FOI OCUPADO PELOS ESTADOS UNIDOS, PELA AUSTRÁLIA, PELO REINO UNIDO, PELO VATICANO, PELO JAPÃO E OUTRAS POTÊNCIAS, POR INTERPOSTA INDONÉSIA. ESTA POUCO MAIS FOI DO QUE A EXECUTANTE DE UMA POLITICA QUE INTERESSAVA AO OCIDENTE ...

Sendo então a 5ª nação do mundo em população (hoje, extinta a União Soviética, tornou-se a quarta) e estando a desenvolver-se economicamente a um ritmo muito acelerado (cerca de 7% de aumento anual do Produto Interno Bruto), a Indonésia era um parceiro comercial cobiçado pelos países industrializados, exportadores de artefactos e importadores de matérias primas.

Suharto, que subiu ao poder com o apoio ocidental e a aquiescência soviética, depois de esmagar mais de meio milhão de membros e simpatizantes do Partido Comunista Indonésio (pró-chinês) sabia que o apoio internacional lhe era imprescindível para desenvolver económicamente o país. Por isso teve tanto cuidado em auscultar os governantes das nações mais importantes.

Só depois de visitar os Estados Unidos, o Canadá, o Japão (principal investidor na Indonésia), o Irão (importante país muçulmano) e a Jugoslávia (fundadora dos Não-Alinhados) e de se assegurar do seu apoio à anexação, é que o General Suharto começou a afirmar, publicamente, que não seria aceitável a

independência de Timor Leste. Só, nessa altura (Julho de 1975), é que dá luz verde aos falcões do regime para desestabilizarem o território e prepararem a anexação pela força.

Tendo em conta o apoio político e diplomático que deram ao Governo Indonésio, o fornecimento de aviões e outro equipamento bélico particularmente importante no combate contra a Resistência Timorense, e o encobrimento que fizeram dos crimes cometidos contra o povo de Timor Leste, podemos dizer que quem invadiu e ocupou o território foram os Estados Unidos, a Austrália, o Reino Unido, o Vaticano, o Japão e outras potências, por interposta Indonésia. Os soldados, eram indonésios. Mas, os interesses e os apoios eram, predominantemente, os das potências ocidentais. Só o facto de ser *"a sua guerra"* é que pode explicar tanto apoio, tanta conivencia, tanto silêncio e tanta mentira, por parte dos representantes dos governos ocidentais (e mesmo o relativo silêncio da União Soviética e seus satélites), como veremos em seguida. Afinal o próprio Governo da Indonésia pouco mais foi do que o peão que, no xadrez geopolítico mundial, o ocidente jogou contra o comunismo internacional e na defesa dos seus interesses, quer globais quer específicos de cada estado.

5 - PORTUGAL DEU INICIO A UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO QUE PREVIA A CONSULTA DO POVO TIMORENSE, MAS A INDONESIA CONSEGUIU INTERROMPÊ-LO

O cansaço de mais de uma dezena de anos de guerra em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau, e os avanços conseguidos pelos respectivos movimentos de libertação, tornaram inviável o desenvolvimento de uma pedagogia progressiva que permitisse uma genuína descolonização conducente a consultas referendatárias aos povos das referidas colónias.

Excepcionalmente, a ausência de uma resistência armada prévia, em Timor Leste, levava a pensar que aí se poderia levar a cabo uma efectiva descolonização, com uma autodeterminação feita por consulta directa à população, depois de um período preparatório de alguns anos.

A criação de associações politicas timorenses, com liberdade de organização, de reunião e de expressão, pouco depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 e a sua auscultação pelo Governo regional, foi um passo nesse sentido. A realização de uma primeira experiência democrática, com a eleição dos corpos administrativos regionais do Concelho de Lautem por votação secreta e universal das pessoas adultas desse concelho, foi outro passo muito importante. Jornalistas e diplomatas ocidentais puderam acompanhar o processo e verificar a sua democraticidade, bem como a ampla participação das pessoas, inclusivé das mulheres.

A experiência iria estender-se aos restantes doze concelhos do Timor Português caso a interferência indonésia não desse origem à instabilidade política na noite de 10 para 11 de Agosto de 1975, poucas horas depois de empossada a primeira Administração eleita (em que os candidatos do partido pró-integração na Indonésia tinham sofrido uma pesada derrota).

Também na área do ensino estava a dar-se a execução a um projecto de reestruturação aprovado pelos três principais partidos (UDT, FRETILIN e APODETI) e que contava com o apoio da excelente escola Salesiana de Fatumaca (perto de Baucau). Este projecto suscitara um interesse enorme de quase todos os professores timorenses, e foi bloqueado pelos mesmos factores de instabilidade que, em Agosto de 1975, obrigaram a parar com a Reforma Administrativa.

De nada valeu o estabelecimento de uma coligação entre a UDT e a FRETILIN, em Janeiro de 1975. Esta coligação, que o Governador Lemos Pires saudau como um factor de moderação e estabilidade tão importante para o êxito do processo de descolonização, foi quebrada em Maio do mesmo ano por instigação e determinante interferência indonésia.

Inutil foi também o Acordo de Macau, estabelecido entre representantes portugueses e timorenses, e a subsquente aprovação da lei 7/75, de 17 de Julho de 1975, que previam a criação de um Governo Transitório liderado por um Alto Comissário, a que se seguiriam eleições, em Outubro de 1986, para uma Assembleia que decidiria do futuro de Timor Leste. A Indonésia estava disposta a tudo para impedir a descolonização, e não poupou meios para conseguir criar a instabilidade suficiente para interromper e bloquear a descolonização em curso, impedir a realização de eleições e inviabilizar uma genuína autodeterminação.

6 - PERANTE OS INTERESSES E AS FORÇAS EM JOGO, OS ACTORES NO TERRENO - QUER TIMORENSES QUER PORTUGUESES - POUCO MAIS FORAM DO QUE SIMPLES FIGURANTES

Ainda hoje há quem acuse Portugal, os descolonizadores, o Governador Lemos Pires, alguns militares portugueses do MFA, os partidos timorenses ou alguns dos seus líderes, de serem os culpados do que se passou em Timor.

Mas perante interesses tão grandes e diversos, em que estavam envolvidos desde os EUA ao Vaticano, passando pela Austrália, o Japão, o Reino Unido e as outras potências ocidentais, aquilo que se podia fazer era quase nada.

Convém lembrar que o primeiro sinal claro de apoio à anexação de Timor foi dado pelo Primeiro Ministro da Austrália, quando se reuniu com o General Suharto em Wonosobo (Indonésia) de 6 a 8 de Setembro de 1974. Nessa altura ainda não existia a FRETILIN, mas sim a ASDT (Associação Social Democrática Timorense). Só depois de ser divulgada publicamente essa posição do Governo Australiano é que a ASDT se converteu na Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (FRETILIN). Nessa altura ainda era Presidente de Portugal o General Spínola, que só se demitiria em 28 de Setembro de 1974. Além disso só em 11 de Março de 1975 é que o Partido Comunista assumiu uma temporária liderança na vida política portuguesa.

Curiosamente quando se deu a invasão, em 7 de Dezembro de 1975, também a jovem democracia portuguesa já tinha perdido as suas características esquerdistas, em 25 de Novembro do mesmo ano. Mas também esse factor foi

desprezado pelo Governo Indonésio, movido por interesses internacionais e geoestratégicos que em muito ultrapassavam Portugual e até mesmo a própria Indonésia ...

Perante esses interesses e as forças que suportavam o regime indonésio, era irrelevante que o golpe de 10 para 11 de Agosto fosse dado pelo partido A ou B, protagonizado por uns líderes políticos ou por outros quaisquer. Pouco relevante era também a personalidade ou o comportamento dos actores portugueses no terreno.

A resposta indonésia ao programa de descolonização aprovado depois de conultadas as associações políticas timorenses foi o seu total boicote mediante o fomento directo e indirecto da instabilidade no território.

Quando, dispondo apenas de dois pelotões de paraquedistas (cerca de setenta militares operacionais não timorenses) o Governador Lemos Pires se retirou para Ataúro, depois da interferência indonésia ter dado origem à guerra civil, as alternativas que lhe restavam eram, ou cair em poder de uma das forças políticas timorenses em confronto (como aconteceu a vinte e três militares portugueses que os indonésios guardaram como refens durante quase um ano) ou aceitar a *"protecção"* indonésia. De facto, pouco antes de sair da ilha de Timor o Governador recebeu uma mensagem a dizer que o destroyer Mon Icidi ia a caminho de Dili para lhe oferecer *"protecção"* ...

Com as principais potências mundiais a apoiar a Indonésia e as suas manobras conducentes à instabilização do território e à anexação, e a negarem qualquer apoio ao único processo de descolonização que previa uma efectiva consulta democrática do povo de um território não autónomo sob administração portuguesa, quer o Governador, quer os políticos portugueses ou timorenses, quase nada podiam fazer. No grande teatro de marionetes da geopolítica mundial o destino de Timor estava traçado, e os actores no terreno pouco mais podiam ser do que simples figurantes.

Eram demasiado poderosas as forças que tramaram a cilada em que, timorenses e portugueses, quase inexoravelmente acabariam por caír. E é como vítimas de uma mesma cilada que uns e outros precisam de dar as mãos para hoje, num quadro geopolítico completamente diferente, levarem a bom termo o processo interrompido em 1975 e que deverá conduzir a uma genuína autodeterminação do Povo do território.

7 - FOI COM BASE NA MENTIRA QUE A INDONÉSIA CRIOU A INSTABILIDADE E PREPAROU A INVASÃO

A Operasi Komodo com que a Indonésia lançou a instabilidade em Timor Leste e preparou a invasão, incluia no seu programa a divulgação de notícias falsas e alarmistas sobre a situação no território - divulgadas pela Agência Antara - para criar, dentro e fora da Indonésia, o climax necessário a uma cruzada anti-comunista. Incluia também a prática de uma sedução enganosa, com falsas promessas e informações erradas, junto de dirigentes políticos indonésios. Ela

incluiu, ainda, a partir de certa altura, a preparação de uma intervenção militar indonésia, que convinha disfarçar sob a forma de um pedido subscrito pelas autoridades portuguesas ou, na falha deste, por partidos políticos timorenses.

Com esse objectivo o Governo Indonésio ofereceu *"protecção"* ao Governador Português, que a recusou e se refugiou no ilhéu de Ataúro, mais fácil de defender com os escassos meios ao seu dispôr. Falhada essa tentativa, quando um membro do Governo Português foi a Jakarta, foi-lhe colocado sobre a mesa um texto de um pedido de apoio a formular por Portugal, que daria carta branca à intervenção indonésia. O referido membro do Governo recusou-se a assiná-la.

Os líderes timorenses que procuram protecção do lado indonésio da fronteira, depois de uma curta guerra civil de que a FRETILIN saiu vitoriosa, são forçados a assinar um pedido de integração. Este foi depois reformulado, com a designação de *"Declaração de Balibó"* e assinado em Bali (e não em Timor Leste), sob ameaças de morte feitas por militares indonésios, como alguns dos subscritores viriam a denunciar mais tarde nas Nações Unidas.

E para que o Ministro dos Negócios Estrangeiros Indonésio pudesse mentir ao Mundo e ao seu homólogo português, com quem se encontrou em Roma, de 1 a 3 de Novembro de 1975, prometendo que a Indonésia não interferia no processo de descolonização e, nem sequer pressionaria o povo de Timor Leste, foram assassinados os jornalistas estrangeiros que filmavam, quinze dias antes, o ataque efectuado pelas Forças Armadas Indonésias à zona de Balibó - Maliana, do lado português da fronteira.

8 - PARA QUE A MENTIRA NÃO FOSSE DESMACARADA, O REGIME INDONESIO NÃO HESITOU EM ASSASSINAR TODOS OS JORNALISTAS QUE SE ENCONTRAVAM NO TERRITORIO ... E OS GOVERNOS DAS POTENCIAS OCIDENTAIS CALARAM ESSES CRIMES ...

Se a opinião pública mundial fosse informada sobre o que de facto se passava no território, era impossível abafar o caso de Timor nas Nações Unidas. Os próprios governos dos países democráticos se veriam confrontados com as críticas da opinião pública e teriam grandes dificuldades em apoiar uma política anexionista indonésia que, afinal, era também a sua.

Por isso aceitaram, sem um protesto formal, sequer, que cinco jornalistas, dois australianos, dois britânicos e um neo-zelandês fossem assasinados em Balibó, no dia 16 de Outubro de 1975, por forças regulares do Exército Indonésio.

Já dias antes (em 14 de Outubro) a CIA americana informava os principais responsáveis americanos de que *"unidades indonésias irão atacar a cidade de Maliana. As tropas que vão participar na operação vestirão uniformes sem insígnias e utilizarão velhas armas soviéticas para não serem identificadas como tropas regulares indonésias"*.

No próprio dia do assassinato, por intercepção das rádio-comunicações entre diferentes unidades indonésias, os serviços secretos australianos, britânicos e americanos ficaram informados de que os jornalistas foram expressamente assassinados por militares indonésios exactamente por serem jornalistas e estarem a filmar o ataque, em que participava um navio de guerra, um helicópetro e artilharia pesada indonésios. Estes governos fingiram acreditar na versão indonésia que os dava como mortos por acidente na luta entre diferentes facções timorenses ...

O Embaixador Australiano em Jakarta, Woolcott, era claro no telegrama que dias depois enviou para o seu Governo:

"Embora saibamos que não é verdade, a posição formal do Governo Indonésio ainda continua a ser de que não há qualquer intervenção indonésia em Timor Leste. Se o Ministro (australiano dos Negócios Estrangeiros) dissesse ou sugerisse, em público, que o Governo Indonésio estava a mentir, isso suscitaria uma reacção azeda e de choque".

E, porque a invasão de Timor Leste era também uma invasão australiana, isto é, feita no interesse da Austrália, o Governo de Camberra respeitou a sugestão do seu embaixador, e fingiu acreditar na versão indonésia dos factos. Idêntico comportamento tiveram os governos britânico, americano, neo-zelandês, etc.

Em 7 de Dezembro havia um último jornalista estrangeiro em Timor, o australiano Roger East. Capturado pelas forças indonésias quando tentava enviar uma mensagem desesperada ao mundo sobre a invasão a que estava a assistir, foi fuzilado no mesmo dia ... de novo sem qualquer protesto oficial...

Com a conivência dos governos da Austrália, do Reino Unido, e outros, uma pedra de silêncio era colocada sobre Timor Leste.

Durante largos anos quase só os Países Africanos de Lingua Oficial Portuguesa (PALOP) se ocuparam na denúncia da situação dramática que se vivia no território e na defesa internacional do direito à autodeterminação do Povo Maubere.

9 - PARA QUE O SILÊNCIO FOSSE MAIS COMPLETO TAMBÉM AS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE AUXILIO E A PRÓPRIA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL FORAM PROIBIDAS DE ENTRAR NO TERRITÓRIO

Como se não bastasse o assassinato de todos os jornalistas estrangeiros, para que não houvesse testemunhas, durante mais de três anos as autoridades de ocupação indonésias impediram completamente a entrada no território de quaisquer agências humanitárias internacionais. Só em 24 de Março de 1979 foi concedida autorização à Cruz Vermelha Internacional (International Committee of the Red Cross, ICRC) para entrar no território. Apesar de só lhe ser permitido permanecer por um período de escassas semanas e dos obstáculos postos à sua

acção, o ICRC pôde constatar a situação de extrema fome e miséria em que se encontravam dezenas de milhar de pessoas *"deslocadas"* e *"re-alojadas"* em autênticos campos de concentração.

Quando, em Abril de 1979, a Cruz Vermelha Internacional abriu inscrições, em Dili, para saber quem desejava ser repatriado para Portugal, a afluência foi de tal modo elevada, que teve que as cancelar ao fim de dois dias apenas. É que nesses dois dias tinham-se inscrito dezassete mil pessoas, desejosas de fugir daquele inferno!

A violência tinha atingido quase todas as pessoas, quer directamente quer através da razia de centenas de aldeias, do esmagamento das consciências e da desagregação da vida social e cultural.

Segundo estatísticas de 1979 do próprio Governo Provincial de Timor, criado pelos ocupantes, o número de cabeças de gado de Timor Leste ficou reduzido a um décimo do que era antes da invasão.

As culturas foram quase completamente destruídas pelos bombardeamentos efectuados com aviões fornecidos pelos Estados Unidos da América (os famosos Bronco OV-10, concebidos para ataques ao solo) e com outro equipamento bélico fornecido por diversas potências ocidentais.

Em Outubro de 1980 a Cruz Vermelha Internacional consegue, finalmente, obter o acordo do Governo Indonésio para permanecer no território.

Apesar desse acordo, é de novo expulsa de Timor Leste, durante as grandes operações militares de 1981, para as quais quase toda a população masculina, dos 15 aos 55 anos, foi mobilizada, para servir de escudo ao Exército Indonésio na sua luta contra a FRETILIN. Só em 20 de Dezembro de 1981 (seis anos depois da invasão) é, de novo, facultada ao ICRC autorização para permanecer no território.

10 - COM A AJUDA DO GOVERNO AUSTRALIANO, QUE CAPTUROU O ÚNICO RADIO EMISSOR-RECEPTOR QUE, DO NORTHERN TERRITORY, COMUNICAVA COM A RESISTÊNCIA TIMORENSE, O BLOQUEIO INFORMATIVO FOI QUASE COMPLETO, DURANTE TREZE LONGOS ANOS

Sem jornalistas no terreno, sem o testemunho incómodo da Cruz Vermelha Internacional durante os primeiros anos, e de quase todas as outras agências e organizações de defesa dos direitos humanos, até hoje, com um bloqueio das fronteiras praticamente completo durante treze anos, e com a mais rigorosa censura do correio e das raras e difíceis comunicações telefónicas, Timor Leste foi, durante mais de dez anos, um autêntico campo de concentração.

Com grande esforço e risco, a Resistência conseguiu manter, durante largos períodos de tempo, a Rádio Maubere, como único meio de comunicação rápida e quase quotodiana. Das matas dos arredores de Darwin, na Austrália, alguns

timorenses e australianos recebiam as notícias e apelos, e transmitiam informações sobre o que se passava no exterior. O Governo Australiano, tão ineficaz no esclarecimento das mortes dos jornalistas em Timor, tornou-se eficaz na captura do emissor-receptor de Darwin. Apreendido este, em 29 de Setembro de 1976, cessaram, práticamente por completo, durante largos anos, as notícias desse enorme campo de concentração em que se tornou Timor Leste.

As raras informações que nesse período chegam ao exterior, são veiculadas por cartas e relatórios de missionários católicos, por um ou outro timorense que, à custa de subornos, consegue fugir do território, ou pelos raríssimos visitantes autorizados pelo Governo Indonésio a fazer curtas *"visitas guiadas"* a Timor Leste. Curiosamente, quando em finais de 1984 o Ministro dos Negócios Estrangeiros Indonésio, Mochtar Kusumaatdja, anunciou a decisão de autorizar a visita de algumas pessoas recomendadas pelas missões diplomáticas acreditadas em Jakarta, áquilo a que designou por *"27ª Província da Indonésia"*, esclareceu que tais autorizações poderiam ser concedidas *"mas apenas nos casos em que o governo indonésio considere que a visita corresponde aos interesses da Indonésia"*.

Só em Novembro de 1988 - treze anos depois do início da invasão -, o General Suharto, Presidente da Indonésia, declara que oito dos treze concelhos de Timor Leste passam a estar abertos ao acesso livre de indonésios e de estrangeiros. As restrições, no entanto mantem-se, sobretudo no que se refere a jornalistas e organizações de defesa dos direitos humanos, e nomeadamente nos períodos de maior repressão em que a sua presença seria mais necessária.

Durante treze anos o bloqueio informativo imposto a Timor Leste pelas forças indonésias de ocupação foi quase completo!

11 - SEM INFORMAÇÕES NOS MEDIA, OS GOVERNANTES DAS POTÊNCIAS OCUPANTES E OS SEUS REPRESENTANTES PUDERAM MENTIR À VONTADE

Na medida do possível, uma parte da imprensa, não só portuguesa mas também australiana e até americana e de outros países, foi dando algumas notícias sobre o que se passava em Timor Leste. Mas, a falta de imagens, o atraso com que as informações chegavam ao exterior, e a ausência de investigações jornalísticas complementares, retiravam-lhes impacto.

No meio do silêncio que se generalizou, foi fácil, aos dirigentes políticos dos governos que apoiaram política, diplomática e materialmente a ocupação indonésia - e que, por isso, se podem considerar como potências ocupantes por interposta Indonésia - esconder e distorcer a verdade aos seus concidadões e eleitores.

Vejamos apenas dois exemplos:

1º Exemplo:

Em 30 de Março de 1977 o Ministro Indonésio dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, admitiu ele próprio, diante de jornalistas estrangeiros, em Jakarta, que *"cinquenta mil pessoas ou talvez oitenta mil, poderão ter sido mortos durante a guerra em Timor ... Era a guerra ... Qual é o problema?... afinal todos nós pecamos"*.

Este número contrastava enormemente com os dois a três mil mortos referidos geralmente pelos governantes americanos, que admitiam na altura que, no máximo, poderiam chegar aos dez mil.

Perante essa discrepância dos números, o correspondentes em Washington da Australian Broadcasting Comission (ABC) tentou obter um comentário do Departamento de Estado norte-americano. Teve que esperar mais de 24 horas, para finalmente o informarem de que não tinham conseguido confirmação de que o MNE indonésio tivesse feito essa afirmação em Jakarta. *"Mas, se é verdade que Malik disse isso, ele está errado"*.

2º Exemplo:

Em 23 de Março de 1977, o ex-Consul Australiano em Dili, James Dunn, deu um testemunho das atrocidades indonésias em Timor Leste junto do Congresso dos Estados Unidos, ao qual entregou um relatório baseado em entrevistas a refugiados timorenses por si feitas em Lisboa.

Reagindo ao seu testemunho, o porta-voz do Departamento de Estado americano, embora confessando que nunca tinham tentado entrevistar quaisquer timorenses, reclamou que os relatos sobre as atrocidades indonésias tinham sido *"grandemente exagerados"*. E concluiu que *"não tem qualquer utilidade"* pôr em causa as afirmações indonésias sobre Timor Leste (segundo as quais a situação era quase normal).

12 - NOTICIAR O QUE SE PASSA EM TIMOR LESTE E EXIGIR RESPONSABILIDADES AOS GOVERNOS PELO ASSASSINATO DE JORNALISTAS, PELA VENDA DE ARMAS E PELA COBERTURA POLITICA QUE DÃO À POTÊNCIA OCUPANTE SÃO FORMAS DE DEFENDER NÃO SÓ OS TIMORENSES MAS TAMBÉM A PRÓPRIA LIBERDADE E O DIREITO INTERNACIONAL

Em Outubro de 1981 um missionário católico, depois de descrever as deportações para a ilha-prisão de Atauro e o extermínio de timorenses que estava a ter lugar, afirma, acerca dos ocupantes indonésios:

"Duas grandes verdades: é gente (Governo) capaz do genocídio ... e que só teme uma coisa: a condenação pública universal ..."

De facto, se a verdade sobre o que se passava fosse conhecida, teria sido impossível aos governos mais implicados na ocupação calar a revolta da sua opinião pública e manter, por tantos anos, o seu apoio a uma ocupação genocida e tão contrária ao direito internacional como foi e é a ocupação indonésia de Timor Leste.

Na Indonésia, o controlo da imprensa pelo regime ditatorial de Suharto fez com que a ocupação fosse vista como uma acção de solidariedade fraterna para com um vizinho em dificuldades. É típico dos regimes ditatoriais.

Mas também nos países ditos livres e democráticos, onde a liberdade de imprensa está instituída, o silêncio e a mentira foram a palavra de ordem dos governos e dos seus representantes. O seu envolvimento na ocupação era de tal ordem que aceitaram encobrir o assassinato de seis jornalistas, que eram cidadãos australianos, britânicos e neozelandez, sem um único protesto formal dos respectivos governos.

Do lado americano não só foi ocultada à opnião pública a real situação em Timor, como também o uso ilegal de armas americanas na invasão e ocupação. Curiosamente esta iniciou-se, em 7 de Dezembro, poucas horas depois do Presidente Gerald Ford e do seu Secretário de Estado Henry Kissinger terem conferenciado, em Jakarta, com o General Suharto. Curiosamente, também, de 1974 para 1975 os Estados Unidos aumentaram em 450% os fornecimentos de armas à Indonésia, e foram aviões americanos Rockwell Bronco OV-10, que permitiram aos militares indonésios fazer uma razia tão completa em Timor Leste.

Nas Nações Unidas o papel dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Austrália e doutros países foi minimizar e abafar a questão, atropelando os princípios do direito internacional que alguns anos depois invocariam para a libertação do Kuwait da ocupação iraquiana.

De facto, em nome da preservação da Liberdade e dos princípios que informam os estados democráticos ocidentais, esses mesmos estados passaram por cima dos princípios, das normas e da resoluções que, nos seus próprios países ou nas Nações Unidas, têm defendido.

Desse silêncio, dessa mentira, dessa criminosa cumplicidade resultou um genocídio proporcionalmente pior ainda do que o holocausto nazi.

Para que a história não se repita, é fundamental dar a conhecer a realidade do que se passou e continua a passar em Timor Leste. E, para que a liberdade de informação seja respeitada, e a vida dos profissionais da comunicação social não possa continuar a ser posta em risco, é imprescindível que um inquérito cabal às mortes dos jornalistas em Timor Leste seja efectuado e julgados os principais responsáveis.

Exigir a abertura do território de Timor Leste - nomeadamente a jornalistas, organizações dos direitos humanos e personalidades credíveis - investigar e noticiar o que se passou e o que acontece em Timor Leste é, talvez, a melhor

forma de parar o genocídio físico e cultural do seu povo.

Esclarecer e exigir a assunção de responsabilidades aos Governos directa ou indirectamente responsáveis pelo assasinato de jornalistas em Timor Leste - e pelo encobrimento desses assassinos - , pela venda de armas e pela cobertura política que dão à potência ocupante, são formas de defender os timorenses e de contribuir para um Mundo mais justo, mais pacífico, mais livre e democrático.

Porto, 7 de Dezembro de 1995

António Barbedo de Magalhães